



Uma História da Felicidade



★★★★

Darrin McMahon

Edições 70, 25€

“A felicidade é o que nos acontece por acaso, e sobre isso não temos qualquer controlo” – assim resume o historiador Darrin McMahon a visão da Antiguidade Clássica. Aristóteles considerava que uma vida de felicidade “seria superior ao nível humano”, estando pois reservada aos deuses, mas antes dele já Sócrates introduzira uma nota discordante no fatalismo reinante, ao defender

que a felicidade depende, antes de mais, de nós mesmos. Uns séculos mais tarde, outro Sócrates mostraria que a bem-aventurança se tornara acessível aos mortais, ao afirmar que “felicidade é abrir os jornais e não falarem de nós” (os jornais não lhe têm feito essa vontade).

Se Aristóteles vivesse hoje, constataria que os livros de auto-ajuda entopem as livrarias e que na TV e nas revistas os gurus da psicologia de pacotilha e das “filosofias” New Age prodigalizam, a todo o momento, mil conselhos sobre como ser feliz. A felicidade não só está ao alcance de todos como a sua busca foi convertida, primeiro num direito (na Declaração de Independência dos EUA) e depois num dever. Daí à “euforia perpétua”, de que fala Pascal Bruckner, é um passo.

McMahon levou a cabo um trabalho de pesquisa formidável e sintetizou 2500 anos de perspectivas filosóficas, políticas e religiosas sobre a felicidade em 500 páginas de prosa clara e viva, com tradução escorreita de Jaime Araújo. *José Carlos Fernandes*